

# Sobrevivente narra fim da missão Calleri

10

SB 26.11.68

SB 19.8.11.26.1.º O Arvo Caldas  
Enviado Especial

Manaus — "Quando dei o olho e vi o corpo mutilado, sem camisa, estendido no chão, só lembrei de correr. De lá para cá não conto a história de mais nada, mas sim da minha emergência, que só Deus sabe como foi. Eu existia sózinho naquela selva, e o medo tomou conta de mim. Olhei para os lados para ver se encontrava algum índio e corri para o mato, onde esperei a noite cair."

Ao chegar a este ponto, o mais dramático do depoimento que prestou ao comando-geral das operações de buscas e salvamento da expedição do padre Calleri, o primeiro sobrevivente da missão, o mateiro Alvaro Paulo da Silva, conhecido também como Mineiro alto, magro, barbaço, fiz uma pausa para respirar e acrescentou: "Ainda não posso compreender como consegui sair vivo desta aventura."

Depois de deixar a expedição e passar sete dias na selva, sózinho, deslocando-se ora em uma pequena balsa que construi, ora por terra, levando apenas algumas latas de salsichas, uma de feijada e farinha, além de uma espingarda e um cachorro, o mateiro foi encontrado por dois caçadores que em seguida o entregaram a dois geólogos do Ministério das Minas e Energia, os quais, o levaram até Itacoatiara, a cerca de 240 quilômetros de Manaus, onde ele foi localizado pela FAB.

## OS EXPEDICIONÁRIOS

Segundo o relato feito pelo mateiro Alvaro Paulo da Silva, que já está sendo utilizado pelo comando da operação dos buscões em novas missões de reconhecimento da região onde se instalou a expedição chefiada pelo padre Calleri, em existir outros sobreviventes no local, uma vez que a expedição se dividiu.

A expedição, que saiu no dia 14 de outubro de Manaus, estava constituída de dez pessoas, inclusive o padre, sendo que duas delas eram mulheres.

A sua formação era esta: Alvaro Paulo da Silva e Manuel Mariano Ferreira, mateiro; João, conhecido como Cara de Onça operador de fonia; Manoel Nascimbeni, cozinheiro; Benício Roberto Menezes, conhecido como Pau, Eduardo Francisco de Oliveira e Aragão Rodrigues de Oliveira, todos funcionários do DNER e convidados da região; os mulheres: Marina Pinto da Silva, mulher de Aragão, e Maria Mercedes Sales.

Lerá, além dos mantimentos e dos presentes para serem levados com os atroaris, quatro revólveres — três de calibre 38 e um de calibre 32 — uma pistola Beretta, do padre Calleri, e cinco espingardas.

## O INÍCIO DA MISSÃO

Em seu depoimento, o mateiro Alvaro hilo da Silva contou que a expedição deixou Manaus no dia 14, via atra, ido até São Gabriel. Da

lá, de helicóptero, alcançou o acampamento do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem do Amazonas (Deran), que fica às margens do igarapé de Santo Antônio, a cerca de 230 quilômetros de Manaus.

No acampamento a expedição ficou alguns dias parada, porque o padre Calleri teve que retornar a Manaus, via São Gabriel, para completar alguns entendimentos e apresentar parte do material que tinha ficado por excesso de peso. O padre voltou no dia 22 de outubro, quando a expedição começou a se deslocar efetivamente, através do igarapé de Santo Antônio, no sentido leste-oeste, utilizando uma balsa com motor de popa, equipada com um aparelho de rádio, transmissor e receptor.

No primeiro dia a expedição percorreu 30 quilômetros, e o mesmo no dia seguinte, quando alcançaram a primeira maloca dos índios atroari, desabitada, e onde foram encontrados vestígios da presença da Fundação Nacional do Índio. O local do acampamento foi denominado de maloca queimada.

Neste local, como o padre Calleri pressentisse a dificuldade de navegação através do igarapé de Santo Antônio, que estava se estreitando bastante, resolvem-se dividir a expedição em dois grupos, deixando no acampamento três homens e uma mulher; o cozinheiro, o Benício, vulgo Pau, e o Eduardo, além de Maria Mercedes Sales.

O grupo de seis pessoas dirigido pelo padre seguia ainda na direção oeste, a procura de outras malocas. Entre os dias 24 e 26 o grupo se deslocou com dificuldade até alcançar uma região pantaneira, denominada Chavascal, onde pernoitou. No dia seguinte foram percorridos mais alguns quilômetros, até que alcançaram uma nova aldeia, com duas malocas, uma delas em construção, permitindo um pouco afastados para não chamar a atenção.

As quatro horas da madrugada foram acordados com o canto dos galos. Era o primeiro sinal da presença de índios nas proximidades. O padre pediu então ao mateiro Alvaro que desse três tiros para cima, para atrair os silvíacos, enquanto os demais membros da expedição já trabalharam pra construir o acampamento e montar o aparelho de rádio.

## CONTATO AMIGAVEL

Os primeiros grupos de índios, acompanhados de índias e algumas crianças, vieram amistosamente — conta Alvaro — trazendo flecos, bananas e outros produtos para nos oferecer, convidando-nos, inclusive, para visitar as suas malocas.

Aos poucos eles foram se juntando até que chegou o cozinheiro, o chefe d'elos, que abraçou o padre Calleri

## Família de expedicionário passa fome

seus filhos toda vez que um aviso sobrevoa a casa, para ouvir sempre a mesma pergunta: "Papai está voltando, mamãe?"

## SETE CRIANÇAS

Marilda, com um ano e três meses, Estandro, de três anos, Fernanda, com cinco, Maria Rainha, com seis, Tânia Maria, com sete, Maria das Graças, com oito, e José Alex, com 13 anos, são os sete filhos que D. Sebastiana tem agora ao seu lado, para alimentar e educar, já que o seu marido foi dado como praticamente morto.

Muito simples, descalça, pisando no

chão batido que é o piso de seu casarão, D. Sebastiana diz que ainda não sabe como vai fazer para alimentar as crianças, "que já estariam passando fome se não fosse a ajuda de alguns amigos e dos vizinhos."

Diz a mulher do expedicionário, nascido em Cruzeiro do Sul, Estado do Acre, que o DNER e a Fundação Nacional do Índio não lhe deram qualquer ajuda até agora, apesar de serem os responsáveis pela organização da expedição.

Segundo a mulher de Eduardo Francisco de Oliveira, seu marido deveria ter um salário de NCrs 193,50

para participar da expedição pacífica-

Neste dia aconteceu também um pequeno incidente que o mateiro jui- ga que contribuiu para agudizar ainda mais as relações entre os membros da expedição e os atroari. O padre Calleri, encontrando um inseto morto num prato do acampamento, fêz-lhe uma rude advertência, empregando uma palavra, maravilhosa, que quer dizer arma de fogo entre eles. O jato logo chegou ao conhecimento dos demais, deixando todos ainda mais desconfiados.

Na noite do dia 31, ainda com o clima de insegurança predominante, o mateiro dormiu fora do acampamento, contando que esteve com muito medo, passando a noite rezando, nervoso. De manhã ele acordou assustado, e resolveu ir até a maloca, onde estava o padre e mais dois membros da expedição.

## MORTE E FUGA

Conta o mateiro que foi caminhando pelo rochedo, cercado de um silêncio absoluto. Quando se aproximou da maloca, viu um corpo rastejando, estendido no chão, sem camisa. Requerido, ele confirmou:

— Tenho certeza. Era um corpo. Eu vi quando batia o bala. E pelo bala, caiu meio de dentro para aí tronco, um outro corpo, parecido de mulher, estendido.

Segundo o depoimento do mateiro, o segundo corpo deve ser o de Maria Mercedes, porque a descrição de roupa coincide com a da mulher: camisa de malha branca e calça rachada.

No mato, assustado, o mateiro escondeu anotececer. De noite com chuva, os índios não apareceram, disse. De manhã foi até o acampamento, pegou o cachorro, algumas latas de salsicha, uma de feijada, farinha, e explicarida. Ficaram muitas horas parados por ali, desconfiados, com medo do cachorro.

No quinto dia, dia 8 de novembro, a chuva parou, e ele pegou a farinha, o que restava da conserva e a explodida sôfia estranha, com a qual que entrou pelo cano. Começou a chegar até a praia, e quando foi aberto num vauim, o cano partiu. Estava desarmado.

Dormiu lá. Pela manhã, escutou alguém ranger onça, um duor, três vezes. Depois viu: eram dois caçadores, que ouviram a sua história, o alimentaram com pão e lhe deram cana. Depois chegou uma onça, com os geólogos Olo e Gilberto, do Ministério das Minas e Energia. Não havia condições de deixar o local, devido ao trabalho que estavam fazendo. Sórense no dia 23 o mateiro foi levado até Itacoatiara, e de lá trouxe para Manaus.

dora dos atroaris, que "depois foi reduzido para NCrs 130,00, sem que nem isto tenha sido pago até agora, um mês e dez dias depois de sua saída de Manaus."

Dona Sebastiana conta ainda que insistiu muito para que seu marido não fosse na expedição, mas isto de nada adiantou, pois ele estava desempregado no momento e aquele salário serviria para manter a família.

Eduardo Francisco de Oliveira, com 40 anos, nunca tinha tido antes qualquer contato com índios, pois apenas os viu, mas de muito longe, quando trabalhou para o DNER na abertura da rodovia Manaus-Boa Vista.

## Fundação tenta explicar o massacre

sido fotografada pela FAB numa maloca (aldeamento) dos atroari.

A expedição do padre Calleri levava duas mulheres, casadas com dois dos oito homens que compunham. A intenção do missionário ao levar mulheres para a mostra aos índios que a missão tinha fins pacíficos.

Os índios que habitam a região onde estava operando a expedição — Atroari e Waimiri — vivem brigando entre si por causa de mulheres, que não existem em grande número nas duas tribos. Dessa maneira, não faz nenhum sentido — acham os funcionários da Funai — eles matarem uma das mulheres da expedição. Antes disso, os índios, no máximo, procurariam rapá-las.

Todos esses fatos, aliados à notícia de que Alvaro havia sido encontrado com uma pistola Beretta do padre Calleri, fazem os funcionários da Funai do Rio achar que esse rapaz poderia ter violentado a mulher — e como morta.

Os funcionários da Funai, entretanto, frisam que se trata apenas de

especulações, baseadas nas notícias que vêm sendo publicadas na imprensa e em seus conhecimentos dos índios.

## BUSCAS CONTINUAM

O presidente da Funai, Sr. José de Queiroz Campos, recebeu ontem dois rádios do sertanista João Américo Peret, que segue sábado para se incorporar às buscas dos possíveis sobreviventes da expedição.

No primeiro, diz Peret que o encontro dos sertanistas da Fundação com o Serviço de Buscas e Salvamento da FAB — PARA-SAR — prosseguem em boas condições, e informa estar tornando parte ativa nas expedições.

O sertanista acrescenta que remeterá em breve um croqui com os limites da área, que será interditada ao trânsito de homens brancos até a total pacificação dos Atroari e Waimiri.

Na segunda comunicação, o sertanista

criticou a ação do padre Calleri, afirmando que ele "não cumpriu o plano de atrair os Atroari para fora da área, incorrendo em grave erro tático." Acrescenta que os especialistas da Funai farão "minuciosas investigações, nas malocas e acampamentos."

Esse último telegrama, entretanto, não foi bem recebido na direção da Funai. O Sr. José de Queiroz Campos afirmou inclusive que o padre Calleri vinha cumprindo exatamente as instruções que recebera, sendo o seu método considerado por ele mais eficaz e definitivo do que os dos próprios sertanistas.

Outros funcionários da Funai acrescentaram que os métodos dos sertanistas em geral utilizam o método para pacificar os índios, os quais, devo disso, não chegam jamais a confiar nos brancos, mas vivem a temê-los.

Ao contrário, a tática do padre Calleri procura conseguir a confiança dos índios.